

## A sedução da violência

Lindemberg Rocha

Começo me lembrando e nessa lembrança encontro alento.

A lembrança de uma citação ouvida no Congresso da Ipa no Rio, que é a seguinte: "Não escrevo sobre o que sei , mas , sobre o que gostaria de saber." (1)

O proposto para o nosso encontro aqui foi tentar entender as relações entre violência e sedução.

De início a violência, Não é fácil falar sobre ela, pois dela mesmo se quiséssemos não poderíamos esquecer, tal é o bombardeio da mídia, as ocorrências com familiares, amigos pacientes etc. Estamos a ela expostos na forma concreta ou imaginária a um ponto que ofusca o nosso entendimento. Excessivamente próxima dos olhos para que possamos distingui-la com a clareza da razão.

Não há como dela escapar, essa violência que vem do mundo externo e sobre a qual se escreveu e se escreve copiosamente.

Sabemos porem que ela repousa sobre uma outra, a interna.

Mas certamente o exame da passagem da violência interna para a externa nos coloca frente a complexas questões metodológicas. Embora Freud tenha afirmado ser impossível saber quando termina a psicologia individual e começa a social, nem por isso a passagem conceitual se faz de uma forma simples, óbvia. (2)

Para lidar com as questões que a analogia entre o desenvolvimento individual e o processo da civilização humana apresenta, Freud postula que ambos os processos partilham da mesma característica, são processos vitais. Afirma que o processo civilizatório constitui uma modificação que o processo vital experimenta sob a influencia de uma tarefa que lhe é atribuída por Eros e incentivada por Ananké, que é unir indivíduos isolados em uma comunidade ligada por vínculos libidinais. (3)

Levando a sério essa observação, começaremos lançando mão de uma produção incessante da cultura, que de uma forma poética faz esse elo íntimo entre o individuo e a coletividade. Os mitos.

De início, um mito bíblico. Quando Deus pergunta a Caim, onde está o teu irmão Abel? Responde ele – Por acaso sou o guarda do meu irmão?

Não é para a ousadia da mentira que eu quero chamar a atenção, mas, para a origem desse primeiro assassinato.

Por que Caim o praticou?

Conta a Bíblia que, aconteceu de Caim oferecer ao Senhor os frutos da terra e à Abel as primícias do seu rebanho.

Deus olhou para Abel e para suas ofertas. Nem um olhar para Caim e seus presentes. Deus negou a sua presença, o matou, assim como o produto do seu suor – os frutos da terra. Isso o enfureceu.

Fica claro aqui o intercambio interno – externo. É apenas esse interjogo que quero ressaltar. Não há o intuito de afirmar que a violência é sempre a resposta a uma outra violência. Não há a idéia de negar a pulsão de morte, ou seja, negar uma violência primária, constitutiva do ser humano.

Mas voltemos para a trilha dos assassinatos míticos onde encontramos a morte do Pai Primevo.

No inicio era o Verbo diz o Gênesis. No inicio era o ato, diz Freud. (4)

Nem sempre se atenta que com essa afirmação, Freud, nega a teoria criacionista, religiosa e assume o evolucionismo Darwiniano. Troca o verbo divino pelo assassinato do Pai. Matando ele próprio o Deus-Pai, coloca nas mãos dos homens a passagem da Natureza para a Cultura através de um assassinato mítico. É a morte de Deus e a introdução da Razão como principal instrumento válido para a compreensão da trajetória da humanidade. E do homem. É o triunfo do Iluminismo.

É por esse motivo que: "O único discurso capaz atualmente de reivindicar a coisa da crueldade psíquica como seu assunto próprio é a psicanálise, é ela que sem álibi teológico ou outro se voltaria para o que a crueldade psíquica teria de mais próprio."(5)

Freud como autêntico filho do Iluminismo atribuiu a Razão uma plena capacidade de explicação para o fenômeno humano. Entretanto, no final da vida teve que se confrontar com uma das "doenças" da Razão frente a qual a própria Cultura tornou-se impotente. A destruição em massa no holocausto era feita ao som de música clássica e citações do seu tão apreciado Goethe.

Como já lembrou Arendt, o exercício da violência, da crueldade, no holocausto e logo em seguida em Hiroshima e Nagasaki colocou em questão o próprio valor da Cultura. Somos incitados a compreender a razão da desrazão. Não mais a desrazão do individuo, mas agora da própria sociedade. Não de um, mas do todo.

É o uso da razão que nos torna perigosamente "irracionais, pois esta razão é propriedade de um "ser originariamente instintivo."( 5a )

É pensando nesses fatos e na experiência em acompanhar o julgamento de Eichmann, que Arendt formula o seu conceito de banalidade do mal. ( 6)

Nessa sua empreitada conclui que a origem do mal é a incapacidade para pensar. Certamente não é o pensar que permite solucionar uma intrincada equação matemática ou compreender um complexo sistema filosófico. É a outro pensar que ela se refere. É provável que seja o pensar que abre espaço para o esquecimento da consciência de si com isso permitindo abrigar o diferente dentro de si mesmo. Diferente necessário para a construção da própria identidade.

O que ultrapassa a violência física do holocausto, das bombas atômicas, é a violência simbólica. A que leva o individuo a se perguntar se

depois de tudo isso se justifica por exemplo escrever um poema, ler um livro, etc.

A percepção de um estado de violência está á flor da pele e fica evidente na conversa com qualquer habitante das pequenas cidades, quando desmontam o nosso desejo de singularidade ao dizermos por exemplo – no Rio de Janeiro a violência não tem mais lugar dia ou hora, e nos respondem calmamente ,... *está assim em todo lugar*. Ou seja, não falamos mais em atos de violência mas em *estado de violência*.

Estamos sempre temerosos que ocorra conosco o que aconteceu em Nova Orleans após a passagem do furacão. Como já se escreveu, não houve um simples colapso da lei e da ordem, mas de repente, lei e ordem desapareceram como se nunca tivessem existido. (7) Vivemos um medo que a barbárie esteja chegando, não mais como um antídoto para o excesso de ordem de uma civilização entediada, mas como algo meramente destruidor. (8)

A modernidade, se caracterizou pelo império da economia global e totalitária que tudo abarca, assumindo o lugar da política, da ideologia, das artes, da ética. Com o seu domínio, ruíram todos os princípios, valores, parâmetros que nos últimos dois mil anos informaram e co-formaram a cultura ocidental. (9)

Uma pergunta simplória. Quando o padeiro baixa o preço do pão? Só quando o preço menor trouxer mais lucro.

Essa onipresença da economia, com a transformação dos atos violentos em estado de violência, não só violência física mas também simbólica, estaria a indicar um fim de um período histórico, não nos deixando antever nesse terceiro milênio se alguma ética será possível, alguma política ,alguma ideologia. Talvez surjam novos pré-socráticos, Zaratustras, etc.,que possam iluminar o nosso percurso.

Em sua carta a Freud, Einstein, (10) após considerar que apenas as máquinas das classes dominantes seriam incapazes de levar os homens a oferecerem suas vidas no altar da pátria, conclui que isso só é possível porque o homem encerra dentro de si um desejo de ódio e destruição. Pergunta a Freud, "é possível controlar a evolução da mente do homem, de modo a torna-lo á prova das psicoses do ódio e da destrutividade ? Certamente não é através da educação, da cultura pois, a experiência demonstra que são exatamente os chamados intelectuais os mais inclinados a ceder a essas desastrosas sugestões coletivas."

Em sua resposta, Freud concorda com as observações de Einstein propondo-se apenas a amplia-las.

Lembra porem que a lei surge da violência,ou ,uma lei só é cumprida,só funciona, se houver uma violência que a garanta .Por isso delegou-se ao estado o monopólio da violência, sem duvida, após a constatação de que é impossível substituir a força real pela força das idéias.

Ao falar da teoria das pulsões – Eros e Tanatos, Freud tem o cuidado de lembrar que os dois são igualmente importantes. Um depende do outro, não cabendo juízo ético de bem e mal. Dessa forma é impossível eliminar as inclinações agressivas de dentro do homem. Ela é parte dele. No máximo podemos tentar desvia-las de tal forma que não encontrem expressão na guerra.

Eisntein pergunta também se não seria possível controlar a evolução do cérebro humano.

Não sabemos até onde a ciência chegará. Nem temos razão alguma para considerar que somos o ponto final da evolução, a não ser através de um credo religioso.

Dizem os cientista que o cérebro humano continua evoluindo e que a prova foi a constatação de mutação em um cérebro de vinte mil anos atrás e em outro de cinco mil anos. Chegará a mutação salvadora antes de destruímos o planeta e a todos nós?

E a sedução da violência?

Falar em sedução da violência exige um abrir mão de certo horror que a destruição, a crueldade, a covardia provoca.

Entretanto não cabe aqui juízo ético de bem e mal.

Freud e muitos outros e não só psicanalistas já chamaram a atenção para o positivo da violência necessária na busca de autonomia, de novos caminhos e até mesmo para o ato sexual.

Como não entender a revolta materializada em violência que emerge nos subúrbios de Paris agora? Jovens excluídos, sem horizonte vivendo em torno de uma cidade opulenta?

Eu sei, é claro que não seria necessário buscar exemplo tão longe.

Uma sociedade que trata injustamente um grande numero de seus membros merece sobreviver?

Qual o tipo de violência que mais nos seduz? A que trabalha a favor de mais poder? A que permite determinar "quem manda em quem?". Ou aquela que discretamente, silenciosamente trabalha no sentido da volta ao inanimado? (11)

Ou seja, aquela violência que antes de ser uma sedução é uma compulsão?

-----

#### Bibliografia.

1-Manonni,O – Citado por Marcelo Viñar no Congresso internacional da IPA no Rio em 2006.

2-Freud ,S.- Psicologia das massas e análise do eu. Edição Standard brasileira O.P.C. de Freud. Vol.XVIII. Rio de Janeiro ,Imago ,1976.

3- Freud,S.- Mal estar na civilização. Obras completas de Freud.-Vol. O.P.C. de Freud. Vol. XXI Rio de Janeiro. Imago ,1976

- 4-Freud,S.- Totem e tabu. Edição Standard Brasileira O.P.C. de Freud. Vol. XIII . Rio de Janeiro ,Imago ,1976
- 5-Derrida, J.- Roudinesco,E. – De que amanhã...; Zahar Editores, 2004
- 5ª- Arendt,H- Sobre a violência .Ed.Relume-Dumara -1994
- 6-Arendt,H.- Eichmann em Jerusalém.-um relato sobre a banalidade do mal.Companhia das Letras -1999.
- 7- Bauman,Z – Entrevista para o Prosa e Verso do O Globo,05/11/05.
- 8-Kavafis ,A. Poemas . Tradução, introdução e notas de José de Paulo Paes. - Companhia das Letras – SP.
- 9-Prof. E.Carneiro Leão- A ética da violência .Conferencia na aPERj – Rio 4, em 2004. Gravação
- 10-Einstein,A- carta a Freud em Por que a guerra ? Obras completas de Freud. Vol. XXII .
- 11-Freud,S – Alem do principio de prazer . Obras completas de Freud Vol. XVIII.